

Elizabeth Leme Castilho

Organização: Rede Nacional de Mulheres Negras de mulheres negras no combate à violência

Debate Geral

“Um branco pode nascer pobre, mas no dia em que vai fazer uma entrevista de emprego, pode ir muito bem arrumado e rapidamente o atributo classe, que marcaria uma possível discriminação desaparece. Um homem negro, é um homem negro, em qualquer lugar e posição que venha ocupar”...

A Hierarquia de poder nos espaços institucionais, ainda obedece aos princípios estabelecidos e seguidos pelos padrões eurocêntricos, construído pelos europeus greco-romanos em épocas remotas, que partilhavam o conceito episteme na divisão da humanidade e entre os povos em “superiores” e “inferiores”, “bárbaros” e “civilizados”, “aqueles que nasceram para ser escravos” e “aqueles que nasceram para serem livres” e que hoje traduzimos nas relações entre brancos e não brancos estabelecidos nas instituições humanas e não humanas (como os espaços virtuais) como em “nós os desenvolvidos europeus e descendentes brancos” e “os outros subdesenvolvidos não brancos”.

Esta divisão da humanidade tem custado muito caro às populações africanas e afrodescendentes, pois quando a divisão de poder recai sobre a cor da pele, o acesso e permanência ao usufruto dos direitos e manutenção da dignidade humana é profundamente prejudicado, tendo um enorme peso nos grupos humanos que tem sido sofrido maior exploração humana ao longo da história recaindo com maior peso nas mulheres negras africanas e afrodescendentes.

Enfrentar a barreira normativa branca nas instituições e espaços de poder tem sido um dos maiores desafios, pois o racismo tem se renovado a cada dia, tendo às velhas ideias racistas repetidas com novos argumentos, tais como o negacionismo do racismo, ao se colocar apenas um pequeno número reduzido de pessoas negras no poder nas instituições sem peso de decisão ou representá-lo em propagandas comerciais no mundo capitalista econômico. A monocracia (não ver o quesito cor como motivação política para o exercício das medidas políticas reparatórias e manutenção dos privilégios da branquitude acumulados ao longo de todo o processo de colonização e escravização dos povos africanos), sendo uma das formas de se manter as desigualdades raciais.

Estes dois fatores, o negacionismo e a monocracia, agravaram de forma extrema as desigualdades raciais, principalmente em todos os países que perpassaram o exercício de governo da extrema direita.

Os velhos discursos como a meritocracia ou da desconsideração da visão histórica de espaço e tempo (ver apenas o futuro e não o passado), e às explicações dos intelectuais e especialistas que nas classes dominante branca que encontram-se como peso de verdade absoluta de consulta e como condição para a realização de qualquer política nos espaços institucionais, tem sido formas atuais de perpetuação do racismo sistêmico, mantendo decisões que afetam

diretamente a vida dos afrodescendentes e, sobretudo às mulheres negras. Medidas como a não valorização da cultura africana e afrodescendente na língua, artes, ciência, medicina, espiritualidade, visão de mundo, valores civilizatórios, história e feitos tecnológicos, o respeito às religiões de matrizes africanas, a falta de cuidado com a saúde da população negra, a manutenção do STATUS QUO de patrão e serviçal nas relações de poder, tem custado vidas.

Que neste fórum, possamos avançar nas discussões e propostas de decisões, para a eliminação de todas as formas de racismo, discriminação racial, da xenofobia e intolerância conexas.